# Dialogia, argumentação e aquisição da escrita

**Luciano Novaes Vidon**

Faculdade de Ciências e Letras de Araras e Universidade Vale do Rio Verde/Três Corações

nvidon@ig.com.br

***Abstract***: *This work presents the results of a longitudinal study on the emergence of individual style and argumentation. The principal question of this study is whether style can be found in argumentation. Style is understood as a matter of choices (Possenti, 1988) as realized in language understood as constitutive and as activity (Geraldi, 1995), within a Bakhtinian framework (1992a, 1992b), which establishes dialogue as the principal linguistic mechanism. Argumentation is understood according to Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Relations between the self and another within language are assumed to be constitutive not only of the subject's argumentation, but also in terms of the development of style. Within this perspective, as postulated by Bakhtin (op. cit.) and revealed within the analysis of the subject's writing, argumentation and style are founded on discourse genres.*

***Keywords***: *argumentaton, style, discourse.*

***Resumo*****:** *Este trabalho apresenta os resultados de um estudo longitudinal sobre a emergência da argumentação na aquisição da escrita e sua relação com o desenvolvimento de um estilo lingüístico individual. Entende-se, por estilo, o trabalho de escolhas (Possenti, 1988) realizado na linguagem, concebida, por sua vez, de acordo com Geraldi (1995), como atividade constitutiva e como ação (com, sobre e da linguagem). A argumentação é concebida segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Com base em Bakhtin (1992a, 1992b), as relações entre um eu e um outro da linguagem foram assumidas como constitutivas, tanto do trabalho argumentativo do sujeito, quanto de seu trabalho estilístico. Dentro dessa perspectiva, postulou-se, também com Bakhtin (op. cit.), que o trabalho com os gêneros do discurso fundamenta os trabalhos argumentativos e estilísticos revelados pelos dados analisados.*

***Palavras-chave*****:** *argumentação, estilo, discurso.*

Este texto é resultado de um trabalho de pesquisa longitudinal com o *corpus* de LM, sujeito de pesquisas em aquisição da escrita do IEL/UNICAMP. O objetivo é discutir a aquisição da escrita do ponto de vista dialógico bakhtiniano a partir de dados encontrados em enunciados argumentativos pertencentes a gêneros discursivos variados, em sua grande maioria escolares, que vão desde comentários sobre livros lidos de uma biblioteca de classe, passando por respostas de provas de história, geografia, ciências, até redações dissertativas preparatórias para o vestibular. O que os unem são as

possibilidades de argumentação que se apresentam, as tentativas de persuadir o outro-interlocutor a compartilhar uma idéia, um ponto de vista *x* ou *y*.

Analisando parte do *corpus* de LM – em especial, narrativas -, Mayrink-Sabinson (1997) considerou que certas tendências estilísticas desse sujeito estariam relacionadas à presença de um outro dialógico constante nos textos: o seu cotidiano, as suas experiências pessoais, a vida-em-si (e não o mundo da ficção, com o qual ela também tinha um contato bastante freqüente). Segundo Mayrink-Sabinson (op. cit.) havia uma recorrência de processos semânticos de subversão de uma certa ordem natural das coisas cujo fim, geralmente, seria tentar construir um efeito de sentido humorístico nos textos.

Depois de ter analisado o papel da escola, no caso de LM, em relação à individualização estilística dos sujeitos-alunos, observando aí um processo conflitante (Vidon, 1999) já que a escola tende para a homogeneidade enquanto o indivíduo tende para a heterogeneidade, passei a analisar, em textos argumentativos principalmente, as tendências estilísticas de LM, apontadas por Mayrink-Sabinson. A investigação dessas tendências levou-me a propor como hipótese de trabalho que, na argumentação, o estilo de LM tendia para um humor grotesco, no sentido de rebaixamento de tudo que é elevado (cf. Bakhtin). Em geral, os dados analisados mostram uma voz social que é retomada e tratada grotescamente.

O primeiro dado que me chamou atenção nesse sentido foi o seguinte. Trata-se de um texto produzido na 5ª série do ensino fundamental a partir de uma proposta apresentada na disciplina de geografia. Os alunos deveriam escrever um texto dissertativo relacionando *salário*, *saúde* e *educação*. LM divide o seu texto em três partes, tratando, no plano formal, separadamente os temas. O fragmento analisado abaixo representa a terceira parte do texto, dando a entender que se trata de uma conclusão, em termos formais e discursivos.

> *Ce as pessoas pobres, em suas infancias/ conceguicem ter a educação teriam capaci/ dade de conceguirem a saúde quando velhos.// Ce não ficariam na cituação do dezemprego e/ sem a saúde, como a maioria fica por cauza/ do* ***minicicimo salario*** *que ganhão."*

Nesse caso, o tema *salário-mínimo* é rebaixado grotescamente de um lugar discursivo elevado na esfera sócio-política. Ocorre uma espécie de carnavalização desse tema através, basicamente, de duas operações lingüísticas. Primeiro, há o reposicionamento do atributo *mínimo*, da expressão salário-mínimo, passando da posição morfossintática final para a inicial – no interior do sintagma nominal. Segundo, há a superlativização do atributo, elevando-o a um grau máximo (para usar a terminologia gramatical tradicional). Entretanto, ao mesmo tempo em que, gramaticalmente, esse atributo é superlativizado – com o acréscimo do sufixo *–císsimo* -, discursivamente ele parece operar no sentido contrário. O efeito que *minicíssimo salário* parece querer provocar é o de rebaixamento, também a um grau extremo.

Outro exemplo desse trabalho lingüístico e discursivo é encontrado em respostas de provas de história, como as seguintes:

*"...A inconfidência mineira fora interonpida por portugal porque portugal não queria que o Brasil deixace de ser sua colonia, mas o inconfidentes queriam a inconfidencia. Quando eles foram descobertos logo foram incriminamdo tiradentes por ser mulato pobre e um dos lideres. Quem condenou tiradentes foi a mãe de D. João IV,* ***dona Maria que já tinha um*** **parafuzo a menos**.*"*

*"Em uma das eleições, a primeira que Getulio Vargas participou ele não ganhou por que tiveram muitas fraudes e* ***o povo comesava a se iritar****. Quando João pessoa (o vice de Getulio) fora assacinado* ***o povo terminou de se irritar*** *e* **partiu pra briga**. *Eles ião invadir* ***uma cidadezinha do interior****, mas quando eles chegaram na* ***tal cidade*** *veio a noticia que o prezidente (atual da epococa) havia cido deposto e o Getulio Vargas assumiu o poder.//* ***Essa guerrinha que não houve foi chamada de 'A guerra que não houve'****."*

*"****O governo de D. pedro I era daqueles bem moderados mesmo, e o povo não gostava disso e comessou a fazer uma*** **bagunsa total** *que D. pedro não conseguia segurar o povo, até seu pai morrer. Com a morte de seu pai uzou como desculpa o trono vazio em portugal e renunsiou a sua pessoa, deixando seu filho..."*

*"****Os moderados eram os conservadores e os exaltados os liberais, mas no governo eram*** **farinha do mesmo saco** *por que faziam as mesmas coizas porque vinha do mesmo lugar."*

Os recursos lingüísticos agenciados sugerem uma nova ordem à existente na cadeia de textos produzidos neste tipo de situação enunciativa. Tem-se um tipo textual, pertencente a um gênero discursivo escolar, a partir do qual, num processo parafrástico, o aluno deveria elaborar seu enunciado no momento da prova. O estilo deste tipo textual é conciso, objetivo, sério, didático. Ao recorrer, por exemplo, a expressões populares – como *parafuso a menos*, *partiu pra briga*, *bagunça total* e *farinha do mesmo saco* - e procurando assumir um tom troçador no discurso, o enunciado rompe com o que até então era convencional. O recurso utilizado é sarcasticamente destruidor. Ele provoca um deslocamento. Ao mesmo tempo, há um processo de regeneração, realinhamento. A paródia realizada, ao tomar o espaço da paráfrase, coloca o objeto assuntado em outro lugar – o de ridículo. Neste caso, o processo argumentativo é de rebaixamento realizado através do discurso. O caráter regenerador está no papel reflexivo sugerido pelo rebaixamento do tema. Argumentativamente, ele exige um olhar de perspectiva, ao contrário da visão de retrospectiva pressuposta pelo discurso histórico oficial.

Análise semelhante pode ser feita do texto a seguir, produzido em ambiente doméstico:

> *À Faber Castell*
>
> *Ganhei, no começo do ano,/ um conjunto de canetas Faber Fixwave.// Logo que comecei a usar a caneta/ rosa e a caneta verde já estouraram e elas/ custaram bem caro para a/ qualidade do produto* ***(uma/ porcaria)****.// Eu espero que vocês/ tomem providências sobre/ isso.*

Nesse texto, a destruição do argumento de qualidade do produto é feita através do uso da expressão popular (e grotesca) *uma porcaria*.

Todos esses textos parecem refletir os mesmo fenômenos: processos carnavalizantes, subversivos no sentido de rebaixarem algo considerado elevado, como o tema salário-mínimo, a história oficial do Brasil (momentos, marcos históricos; personagens, heróis nacionais; fatos *etc*.) e a tradição de um determinado produto.

Restava perguntar se tais processos poderiam ser encontrados em textos do Ensino Médio quando o sujeito já se encontrava em um processo mais avançado de sistematização da forma dissertativa de argumentar.

O texto a seguir foi escrito no final do 3º ano do Ensino Médio e dá indícios de que a argumentação se desenvolve a partir de um trabalho lingüístico (e estilístico) que desloca um enunciado de domínio público – originalmente se trata de um verso de um poema de Fernando Pessoa -, que tem um valor claramente positivo, pertencendo inclusive a discursos de auto-ajuda, e coloca-o em outro lugar discursivo. No lugar de *tudo vale a pena se a alma não é pequena* é colocado *nem tudo vale a pena sendo a alma grande*.

> **"Nem tudo vale a pena sendo a alma grande"**
>
> *O Brasil, país de famintos, dos massacres, dos cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento, do extermínio da parcela indígena da sua população, já passou por muitas propostas e promessas mas continua com os mesmos problemas de sempre. Presidentes vêm e vão com propostas já conhecidas e aprovadas por seu público mas desconhecidas e negadas pelo congresso. Passeatas e rebeliões já não funcionam mais contra os famigerados por dinheiro e possessões que enquanto se esbanjam em luxos assistem a milhares catarem lixo nos lixões para subsistência de cinco filhos, sem emprego e sem moradia.*
>
> ***Uma reforma agrária, uma administrativa e uma social valeriam a vida e dignidade da maioria brasileira mas não valeriam a pena para os ricos fazendeiros que fazem greve por três dias e mobilizam a economia do país, não valeria a pena para os banqueiros que não mais teriam seus bancos cheios de dívidas salvos com o***

> ***dinheiro público e nem para os juizes que teriam o seu teto salarial de 5 mil reais abaixado para que um operário tivesse seu salário mínimo aumentado 12 reais.***
>
> ***A alma egocêntrica de todos esses citados anteriormente é grande demais mas tudo que lhes vale a pena não vale para o país.*** *Talvez quando o governo deixar de ser submisso e dominado por estes e aqueles tudo possa valer a pena para salvar o país, para que o "gigante" não permaneça deitado eternamente em berço esplêndido e nem aqueles que não merecem.*

Um enunciador irônico, uma espécie de parvo, de bobo da côrte, dialoga com um enunciador genérico, uma voz social, um lugar-comum de um discurso representado como oficial – institucionalizado. O verso de Pessoa, *tudo vale a pena se a alma não é pequena*, é rebaixado de seu contexto original, de louvação ao reino de Portugal. O tratamento grotesco nega o sentido original do enunciado. O texto todo gira em torno dessa premissa principal.

O que parece se instaurar nesses enunciados (e que os ligam, constituindo um elo enunciativo) são enunciadores, sujeitos de discurso, que possuem o mesmo *ethos discursivo*, ou o mesmo *caráter* (se tratados como *oradores*). Trata-se de enunciadores sarcásticos, debochados, irônicos que tratam os temas de seus discursos como grotescos, absurdos, contraditórios: salário-mínimo; a história oficial do Brasil, os fatos e heróis consagrados; as autoridades políticas brasileiras são tratadas grotescamente, deslocadas de seus lugares discursivos oficiais e trazidas ao rés do chão, para a realidade nua e crua – como talvez dissesse LM.

***Referências Bibliográficas:***


Bakhtin, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Geraldi, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Mayrink-Sabinson, M. L. T. *Em busca de pistas*. In: Abaurre, M. B. M., Fiad, R. e Mayrink-Sabinson, M. L. T. Cenas de aquisição da escrita – o sujeito e o trabalho com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

Perelman, C. e Olbrechts-Tyteca, L. Tratado da argumentação – A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Possenti, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Vidon, L. N. *Individualidade e escolarização – estilos em conflito* (análise de dados singulares). Dissertação de Mestrado: IEL/UNICAMP, 1999.